

# Congreso Internacional de **Investigación y Pedagogía**

**nuevos** ESCENARIOS  
**SUJETOS**  
**ESCUELAS** **nuevas**



**11-15**  
**OCTUBRE**

**Freire y la Educación Contemporánea 2021**







**POLÍTICAS DE DEMOCRATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: IMAGINÁRIOS DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA SOBRE A RESOLUÇÃO 02/2015**

**Autores:**

**Souza Prestes, Anderson**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

**Correo electrónico:** [aprestes45@gmail.com](mailto:aprestes45@gmail.com)

**Fortes de Oliveira, Valeska Maria**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

**Correo electrónico:** [vfortesdeoliveira@gmail.com](mailto:vfortesdeoliveira@gmail.com)

**Eje temático:** Educación Superior: políticas y perspectivas contemporáneas.

**Resumo:** O seguinte estudo apresenta reflexões desenvolvidas a partir do projeto de pesquisa "Imaginários, formação e políticas de democratização da educação", vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Brasil. O projeto em questão procura investigar a formação inicial de professores, com o foco voltado para a análise dos processos de interpretação da Resolução 02/2015 (Brasil, 2015) nos currículos dos cursos de licenciatura, do Estado do Rio Grande do Sul, sob a lente do Imaginário Social (Castoriadis, 1982). O estudo deste artigo, em andamento, busca compreender quais significações imaginárias sociais são construídas a partir das vivências dos estudantes de Pedagogia da UFSM em relação às temáticas das diversidades



sexual, étnica, racial e geracional. O referencial teórico utilizado perpassa estudos de Castoriadis (1982), Delory-Momberger (2012, 2014), Nóvoa (2017), entre outros. A pesquisa tem como metodologia inicialmente a pesquisa documental e a compreensão por meio de um estudo hermenêutico. Após, foram feitas entrevistas semi-estruturadas com a coordenadora do curso, os docentes que dão aulas em disciplinas que englobam as diversidades e, neste trabalho, com estudantes concluintes do curso de Pedagogia-Diurno. Até o momento, percebe-se a visão progressista que a Resolução 02/2015 mostra em relação à Resolução 02/2019 (Brasil, 2019), que é posterior a qual o currículo do curso de Pedagogia implementou.

**Palabras-clave:** Pedagogía. Formación de docentes. Educación Superior.

### **Palavras iniciais de um estudo sobre as diversidades**

O artigo discorre sobre os estudos realizadas no projeto de pesquisa “Imaginários, formação e políticas de democratização da educação”, que está entre as ações desenvolvidas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - Brasil. O estudo desenvolvido pelo GEPEIS é mobilizado pelo desejo do grupo de pesquisadoras(es) de entender como a formação inicial e continuada de professores constrói um diálogo com a escola básica sob a perspectiva da democratização do ensino superior e das teorias do Imaginário.

A pesquisa iniciou em 2019 com o intuito de analisar os processos de interpretação e implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior (DCN), definidas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), em 2015 (Brasil, 2015), nos currículos dos cursos de licenciatura da região Sul do país e compreender que imaginários e políticas de formação potencializam a democratização da educação no Ensino Superior. Este acompanhamento que o estudo procura realizar se dá pela convocação que os

cursos de formação de professores tiveram para atualizar os Projetos Pedagógicos de Curso (PPC) até o início de 2019.

Durante a fase de análise documental dos PPCs, no final daquele mesmo ano, uma nova Resolução (Brasil, 2019), definindo novas Diretrizes, é aprovada. Este documento direciona os currículos dos cursos para uma incorporação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), criticada por representar uma regulação de possibilidades enunciativas e formas de educar e aprender (Santos & Ferreira, 2020) nas ementas das disciplinas. Além disso, não menciona muitas das discussões e princípios que estavam sendo debatidos e efetivados nos currículos, incluindo aqui, a discussão sobre as diversidades social e cultural. O ponto-chave de análise da pesquisa passa a ser entender como a discussão sobre as diversidades vinha ocorrendo nas licenciaturas da região Sul e quais imaginários são instituídos a partir dos relatos de coordenadores de curso, docentes e estudantes.

As diversidades étnico-racial, de gênero, sexual, religiosa, de faixa geracional e sociocultural passam a ser entendidas como parte importante da defesa da existência do estudo em questão, visto que é pela democratização do ensino e pela luta pela equidade que muitas vozes e imaginários passam a ter espaço para serem instituintes de uma nova forma de compreensão da sociedade em que vivemos. É entendendo, aprendendo e acolhendo as diversidades nas instituições de formação de docentes e nas escolas que as diferenças constituintes de um país multicultural podem passar a ser valorizadas e enxergadas como potência.

As questões do grupo de pesquisadoras(es) passaram a ater-se sobre esta temática compreendendo a formação inicial de professores (Gatti, 2019) enquanto um território onde as(os) estudantes podem refletir sobre que lugar tem as diversidades em seu imaginário e como a discussão e construção de



significações sobre o tema podem gerar uma prática democratizante quando este profissional entrar em contato com o campo de atuação. Assim, nosso estudo prioriza compreender onde os novos currículos dos cursos estudados abordam essa temática tão defendida pela Resolução 02/2015 (Brasil, 2015) e como a Resolução 02/2019 (Brasil, 2019) enquanto prática discursiva pode vir a anular esse espaço. Neste texto, discorreremos sobre como o curso de Pedagogia Diurno da UFSM realizou a reforma curricular com base nas DCNs de 2015 a partir da interpretação dos relatos de estudantes que estão no último ano de graduação.

### **Caminhos metodológicos da pesquisa-formação**

O estudo segue uma abordagem qualitativa tendo várias fases e combinações de procedimentos de pesquisa. Os cursos selecionados para a pesquisa do GEPEIS foram: Ciências Biológicas, Física, Matemática, Química e Pedagogia, sendo este último o foco de análise deste artigo. As instituições participantes são todas do Estado do Rio Grande do Sul, abrangendo 15 licenciaturas de universidades e institutos federais e os dados foram analisados em encontros semanais do grupo de pesquisadoras(es) a partir de um exercício hermenêutico.

Primeiramente, fez-se uma análise documental dos Projetos Pedagógicos dos Cursos investigados e das Diretrizes Curriculares de 2015 e 2019 e, após, o grupo entrou em contato com as coordenações de curso para que as entrevistas com as(os) coordenadoras(es) fossem realizadas. Esta fase ocorreu já durante a pandemia de Covid-19 e as entrevistas foram feitas virtualmente, o que não era o planejamento inicial feito no início da pesquisa. Os relatos das coordenações dos cursos foram obtidos por meio de questionários no *Google Forms* em sua maioria e apenas duas pessoas aceitaram ser entrevistadas por videoconferência no *Google Meet*.

Da mesma forma, foram feitas entrevistas com as e os docentes de disciplinas que abrangem o tema das diversidades. Participaram desta fase da pesquisa 5 docentes e todos os sujeitos da pesquisa receberam um Termo de Confidencialidade e de Consentimento Livre e Esclarecido antes mesmo de serem entrevistados para consentirem com a participação e assinarem.

A hermenêutica é uma abordagem referenciada e movimentada na pesquisa, tendo em vista o caráter compreensivo do campo do imaginário onde nos aproximamos das significações, dos sentidos e significados produzidos, individual e coletivamente. Segundo Ghedin e Franco (2008, p.154) "A significação é perpassada por determinada visão de mundo e por um modo de compreender os significados percebidos ou não nas diversas relações".

Na produção das narrativas, que exercitamos por meio de entrevistas semi-estruturadas ou por rodas de conversa, nesse momento da crise sanitária, em salas virtuais com apoio tecnológico, escutamos sensivelmente os sentidos e significados organizados nos relatos. "A hermenêutica situa-se na existência da linguagem, na qual e pela qual se processam os significados. A linguagem, porém, não é o único instrumento de manifestação da existência; ou seja, o discurso é *uma* forma de manifestação da realidade, e não a única." (Ghedin & Franco, 2008, p.p. 163-164).

Colocamo-nos como intérpretes com as(os) co-autoras(es) que produzem as narrativas e, assim, nos aproximamos dos imaginários compartilhados sobre as questões das diversidades. Como abordam Ghedin e Franco (2008, p. 174) "Quem quer compreender a educação tem de estar preparado para pôr-se à sua escuta. Uma consciência que interpreta deve ser sensível à alteridade não só dos sujeitos, mas dos contextos". Acrescentamos que, quem quer compreender as significações imaginárias, as representações sobre nossas



criações sociais, precisa sensivelmente escutar e olhar o que se expressa nas narrativas, sejam elas escritas, oralizadas ou produzidas por outras linguagens.

Portanto, pretendemos mobilizar uma pesquisa-formação (Josso, 2010) com o intuito de buscar por possíveis imaginários inclusivos na formação de professores. Com essa intenção, convidamos acadêmicas do curso de Pedagogia Diurno para participarem de uma entrevista com três eixos temáticos acerca da pesquisa. No primeiro, intentamos conhecer o imaginário das professoras em formação sobre as questões da diversidade nos seus trajetos de vida; no segundo, focamos na formação inicial e o que ela proporcionou na relação com os temas das diversidades na organização curricular, referenciada na Resolução 2/2015 e, no terceiro, como a formação inicial está se desdobrando em ações, propostas e projetos nos estágios nas escolas. Os encontros foram potentes e esteve presente, organizando o espaço de pesquisa-formação, o acadêmico-colega, sem a presença de um professor, para que a conversa pudesse se constituir num movimento reflexivo espontâneo e de trocas entre pares.

A pesquisa-formação não se constitui somente em uma metodologia colaborativa com e entre professores, mais além, é uma epistemologia centrada no relato da experiência, do vivido e da reconstrução das recordações-lembranças, construída num espaço e tempo de empatia e de produção de narrativas compartilhadas. Ao narrar também me ouço, reflito e sou interpelado pelo Outro que me escuta. O movimento reflexivo da narrativa aciona com a concepção de experiência formadora. Na pesquisa-formação mobilizamos a narração das histórias de vida, espaço e tempo que podem produzir a experiência formativa.

## **Qual é o lugar das diversidades? Discussões a partir dos relatos de estudantes de Pedagogia**

O trabalho analítico referenciado na compreensão hermenêutica é, na verdade um movimento de dupla hermenêutica: a primeira, quando o narrador elege o que irá trazer, o que irá contar e, posteriormente, o que o pesquisador analisa a partir do que ouve ou lê, compartilhando com quem produziu o relato. Delory-Momberger (2014, p. 205) nos diz sobre a importância de um estudo do todo para as partes já que a “tradição hermenêutica [...] quer compreender todas as particularidades de um texto a partir de sua totalidade”.

Nas narrativas que estão sendo produzidas mobilizamos as histórias de vida que tornam-se “um projeto epistemológico-metodológico potente para o trabalho em grupo, fortalecendo o ambiente de formação coletiva...” (Machado & Oliveira, 2019, p. 27). A pesquisa mobiliza a formação e o espaço entre pares proporciona a experiência formativa porque implica as pessoas participantes com seus repertórios e trajetórias.

Os relatos aqui mencionados são identificados a partir de pseudônimos que as próprias acadêmicas escolheram. Pedimos às participantes que escolhessem um nome que representasse para elas o que é diversidade. Temos então em nosso estudo a participação de três mulheres nomeadas da seguinte forma: Marias, Malala e Marielle. Enquanto a primeira escolhe um nome no plural que representa o coletivo de mulheres em nossa sociedade, as duas outras entrevistadas escolheram o nome de uma ativista pelos direitos à educação, Malala Yousafzai, e de uma ex-vereadora morta brutalmente ao tentar denunciar a violência policial no Brasil, Marielle Franco.

O primeiro eixo da entrevista, o entendimento de cada participante sobre as diversidades, trouxe diferentes concepções das acadêmicas. Todas elas





destacaram que consideram um tema bem amplo e que envolve muitos fatores e interpretações, logo, definir diversidades é complexo.

Eu entendo que a diversidade significa uma... um monte de gente ou uma diferença que existe entre as pessoas e as culturas e os costumes, tudo isso que faz parte do nosso mundo que a gente olha pro nosso lado e a gente vê uma pessoa diferente e ela tem uma cultura diferente, ...  
(Marias - Entrevista realizada em julho/2021)

Marias ressalta a palavra "diferente" várias vezes, destacando como, para ela, as diversidades perpassam o fato de todos sermos diferentes, termos nossas próprias idiossincrasias. Nesse sentido, Marielle também reforça esse conceito, entendendo que todos somos diferentes, que nossas singularidades nos definem, trazendo a premissa do direito à diferença. Logo, temos todos algo que nos faz únicos e devemos ser respeitados por isso. Malala, por sua vez, também adiciona neste conceito a ideia de gênero, orientação sexual e classes sociais, categorias que para ela constituem as diversidades. Os relatos nos fazem pensar sobre qual é a rede simbólica que constitui o imaginário sobre as diversidades. Castoriadis (1982, p. 142) nos diz que "as instituições não se reduzem ao simbólico, mas elas só podem existir no simbólico, são impossíveis fora de um simbólico em segundo grau e constituem cada qual sua rede simbólica". Parece-nos que o instituído sobre a temática é um conceito sobre diferenças que constituem a sociedade mas que não são vistas como constituintes dos indivíduos, ou melhor, que a própria menção a um imaginário de inclusão sobre as diversidades leva às participantes a refletirem sobre as desigualdades que marcam a temática, sobre como as idiossincrasias não são levadas em conta.

Em um segundo momento, a conversa passa a ser sobre as percepções das estudantes sobre os processos de readequação curricular que o curso de



Pedagogia - Diurno realizou para adequar-se à Resolução 02/2015 (Brasil, 2015). Essa reforma foi realizada no início de 2019 sendo que, no final deste mesmo ano, são divulgadas as Diretrizes mais atuais (Brasil, 2019) para a formação de professores. O currículo mais recente do curso inclui maior carga horária prática por meio de uma maior quantidade de estágios e inclui duas disciplinas sobre as diversidades: "Direitos Humanos e Gênero" e "Políticas e Diversidade Cultural".

Tá, primeiro sobre a questão da diversidade né eu percebi que a gente tem uma disciplina de gênero e direitos humanos mas ela é muito... pequena pra dar conta de muita coisa né. Seria importante ter uma disciplina só de gênero, uma disciplina só de direitos humanos e assim vai. Já é um passo adiante né eu entendo mais ainda é pouco né. E sobre a modificação do currículo em geral eu entendo que... é bom mesclar as práticas e as teóricas pra dar inclusive um... incentivo. (Marias - entrevista realizada em julho/2021)

Assim como outros cursos investigados pelo projeto de pesquisa que participamos, o curso em questão ainda não mostra sinalização de nova reforma curricular para adequar-se à Resolução 02/2019. Mesmo tendo vários elogios sobre como a reforma era necessária, as estudantes levantaram questões como o debate sobre o atraso na formatura, falta de professores e superlotação de turmas. Elas relatam que como o novo currículo trouxe muitos ganhos no sentido de novas discussões mas que, muitas vezes, não conseguiram ter maiores aprendizados pela carga horária pesada da matriz curricular e da desorganização no não aproveitamento de créditos já cursados.

Não foi uma coisa tranquila porque eu acho que quando se faz uma reforma curricular a gente tem que pensar também nos estudantes né e o curso não pensou nos estudantes né. Porque assim eu ter que me



deslocar, fazer 10 cadeiras, no noturno, que não é o curso que eu “tô” matriculada pra conseguir dar conta e me formar em quatro anos e meio, ..., eu acho que é um tremendo absurdo. (Marielle - Entrevista realizada em agosto/2021)

No sentido da fala de Marielle, tecemos reflexões no sentido de entender que, pela constante troca de projetos para a educação brasileira e, mais especificamente com relação às Diretrizes para a Formação de Professores, vivemos entre imaginários distintos. O debate sobre o tempo formativo que a Resolução de 2019 traz, mostra um projeto que acelera e desenha competências para um professor e, com isso, abrevia a formação de disposições importantes para uma prática profissional. Compartilhando com Nóvoa (2017, p. 110) as propostas que vêm na Resolução de 2019 com outro imaginário social sobre a educação e a formação são significações de grupos com movimentos reformadores “portadores de uma visão técnica, aplicada, “prática”, do trabalho docente, esvaziando as suas dimensões sociais, culturais e políticas”.

Um outro aspecto importante no imaginário de Marielle, podendo ser o imaginário da turma, pois estamos presenciando o cenário do desemprego no país diz respeito a estar saindo da universidade com a cara no desemprego. Em que momento dos cursos de formação de professores estamos discutindo essa questão com nossas (os) professoras (es) em formação? Um país onde temos falta de professores e muitos estudantes fora da escola, em diferentes níveis de ensino, por que uma professora fala de desemprego?

Hoje eu tô passando por um processo que eu vou me formar na metade do ano que vem quando eu tinha me planejado na minha cabeça que eu ia me formar em quatro anos e eu tô vendo várias oportunidades que eu poderia tá fazendo... Eu só vou me formar no ano que vem, na metade





do ano e o meu questionamento é: que escola que vai me querer pra dar aula na metade do ano? Então eu saio da Universidade literalmente com a cara no desemprego. (Marielle - Entrevista realizada em agosto de 2021)

Num diálogo com formadores de professores no campo do imaginário social refletindo a formação de professores em tempos de incerteza, destacamos a importância de revisitar no espaço de formação inicial sentidos e significados de representações e práticas. Nos somamos às reflexões trazidas por Brancher e Oliveira (2017) quando reivindicam o protagonismo docente: "Protagonismo nas práticas, protagonismo nas ações formativas, na sala de aula, na sociedade, na produção de saberes, na discussão da carreira e da condição docente no país" (p. 33).

Em outro momento de trocas na entrevista, as acadêmicas relataram como foi para elas perceberem o debate sobre as diversidades, se era algo que surgiu ao longo de suas vivências ou apenas depois das aprendizagens na Universidade. Todas elas afirmam que já tinham um conhecimento sobre o que é a diversidade e como pensar em uma proposta que valorize esse debate. Da mesma forma, todas elas comentam que a Universidade teve um papel de alicerçar o diálogo com as (os) colegas e gerar novas aprendizagens, mas que nem sempre a instituição dá abertura ou cria espaços de garantia de aprendizados profundos, que se mantenham com as (os) discentes ao longo da formação.

Olha eu entendo que eu já tinha de antes. Eu... eu tive uma babá durante 8 anos então ela era minha amiga, ela não era minha babá. E... ela é uma pessoa negra então eu acho que toda a minha... a minha... a minha ideia assim de que as pessoas são ou deveriam ser tratadas iguais



acho que vem daí, vem da infância sabe... (Marias - Entrevista realizada em julho/2021)

Marias traz uma discussão importante sobre estar rodeada por saberes e experiências advindas de uma religião de matriz africana, a Umbanda, mesmo sendo branca. Sua história de vida perpassa uma relação de muita proximidade com o que muitas vezes é demonizado por uma boa parcela da sociedade que julga ritos e crenças afro-brasileiras de maneira pejorativa. Em seu relato, ela nos diz sobre como fazer parte de círculos sociais com pessoas diferentes entre si fez com que ela não só tivesse respeito pelas diferentes culturas mas que despertasse para um interesse em conhecer mais ainda as histórias de vida das pessoas que conviviam com ela.

A fala de Malala sobre a questão de como começou a pensar sobre as diversidades vai de encontro em alguns pontos que Marias elucidada. Malala nos diz sobre como a Universidade fez com que ela tivesse contato com diferentes realidades, além da sua e do que ela já estava acostumada. Assim como Marias, a convivência e a troca de aprendizagens com círculos sociais diversos, fez com que ela compreendesse com maior profundidade a importância disto para que os preconceitos instituídos em nossa sociedade sejam questionados.

Quando questionadas sobre como percebem as discussões sobre as diversidades em sala de aula, as estudantes afirmam que podem ser tecidas diferentes discussões a partir dessas vivências. Marielle relata que alguns colegas não percebem as diversidades e, por isso, o debate sobre o tema não vai além na sala de aula, porém, completa dizendo que, em alguns momentos o próprio corpo docente do curso é quem não dá liberdade para a discussão. O diálogo sobre a temática parece ser cerceado por várias limitações que, aos poucos, anulam as possibilidades de aprendizagem das professoras em formação em relação à uma prática inclusiva.



Eu acho que tem dois pólos. Eu acho que tem o pólo que a gente enquanto aluno e alunas não debate sobre isso e não enxerga a diversidade, acho que ela fica invisível. Mas em contrapartida, eu acho que existem alunos que falam sobre diversidade e que pontuam coisas dentro dessas outras disciplinas, mas aí me parece que a gente vai pro pólo dos professores que tão muito fechados nessa caixinha da matéria e do conteúdo que tá prescrito na ementa que se tem que passar. (Marielle - Entrevista realizada em agosto de 2021)

Marias discorre em uma reflexão sobre como o espaço para a entrada de novos saberes além dos acadêmicos é mínimo principalmente quando se trata de vivências de povos originários. Ao comentar sobre como percebia a forma como uma colega indígena era vista (ou não) em sala de aula, a estudante conta que o próprio acesso e permanência destes sujeitos no Ensino Superior é afetado ao passo que não há elementos de identificação com suas vivências em seus lares. Ainda, reforça que as leituras do curso são eurocêntricas e percebe que as práticas docentes não são inclusivas, simplesmente ignoram e/ou excluem momentos em que a troca de experiências poderia ser tão potente e gerar tantas aprendizagens quanto ler os textos da disciplina e realizar os trabalhos solicitados.

Por exemplo, eu... notava que os colegas indígenas, eles se sentiam muito fora do mundo deles, totalmente... não tinha nada que eles se identificassem, se eu fosse pensar né..., na pessoa deles assim... Não tem nada, eles não leem nem autores indígenas, nada, ..., não fazem nem um ritual sabe então eu acho que isso prejudica muito... no acesso e permanência inclusive, dos diferentes povos né... ao Ensino Superior. (Marias - Entrevista realizada em julho/2021)





Na reflexão trazida pela narrativa de Malala há um imaginário construído sobre a docência e a profissão de professor e um indício que outras representações instituintes também estão presentes, como na pedagogia, o professor “fazer a diferença”. Nessa perspectiva, o conceito de profissão docente precisa ser firmada como posição (Nóvoa, 2017) e, ainda como afirmam Brancher e Oliveira (2017, p. 34), “Instigar que professores continuem na docência ou iniciem seu trajeto formativo como professores tem na proposta de estudos e pesquisas no campo da formação de professores a concepção de desenvolvimento profissional...”. O desenvolvimento pessoal e profissional pensado como permanente, se dando ao longo da vida.

Eu acho que não é todo mundo que tem esse olhar. Ali na Pedagogia eu acho que tem muita gente que tá ali... por ser fácil de entrar, é uma profissão que é considerada fácil de trabalhar e é fácil de tu passar num concurso e por aí vai né. Mas eu acho que além disso, é muito... ignorado isso sabe, é minimizado essa situação. Ninguém vê, ninguém enxerga e se vê é tipo num comentário numa sala de aula, na nossa aula ali na Universidade. (Malala - Entrevista realizada em agosto/2021)

Enquanto discutimos sobre o eixo das diversidades e como as estudantes percebiam (ou não) debates e ações no sentido de práticas democratizantes nas escolas, os relatos nos dizem que nas instituições onde as entrevistadas realizaram os estágios também não se tem abertura para pensar em propostas que trabalhem com as diversidades. São intenções delas próprias trabalhar com essas questões no espaço formativo, parte delas a compreensão de que a defesa deste debate é importante.

Na aula online eu não vejo muita diversidade porque é quem tem acesso à internet e quem não tem ... e tá indo no presencial eu não sei nem o rosto, não conheço. Eu sinto que eu consigo fazer muito pouco ainda né,

principalmente porque já são crianças do 5º ano. Inclusive já tem aquele pré-conceito, aquele olhar diferente pro outro. Se levado pra sala de aula e eu pretendo levar no próximo estágio na Educação Infantil,... porque eles são mais receptivos, eu percebo isso né. Quanto mais novo a gente é, mais receptivo a gente tá e mais disposto a aprender. (Marias - Entrevista realizada em julho/2021)

Portanto, os relatos nos dizem sobre como é de interesse das estudantes levar a discussão sobre práticas inclusivas em sala de aula, mas que vários silenciamentos ocorrem neste processo que as desestimula. Seja o preconceito da equipe de trabalho das escolas, a falta de interesse das crianças nos estágios ou a falta de estímulo das orientações de docentes sobre como atuar nestes espaços, tudo isso confirma uma exclusão simbólica do debate sobre as diversidades. O que ninguém fala, ninguém se incomoda e ninguém precisa se desacomodar.

### **Considerações finais**

O estudo realizado demonstra importantes discussões sobre formação inicial docente e diversidades. No momento onde as entrevistadas deveriam descrever o que percebem sobre o tema, as acadêmicas destacam sobre como falar sobre o tema é dizer, de certa forma, sobre as diferenças. Isso levanta dois pontos: diferenças que todos têm e devemos conviver com elas tranquilamente e como são e podem ser a origem da desigualdade. Nesse sentido, constata-se uma rede simbólica sobre as diversidades que é marcada pela exclusão e invisibilidade.

Em relação à reforma curricular, a partir da Resolução 02/2019, elas relatam sobre como o novo currículo trouxe muitos ganhos no sentido de novas discussões mas que, muitas vezes, não conseguiram ter maiores aprendizados

pela carga horária pesada da matriz curricular e da desorganização no não aproveitamento de créditos já cursados. Ainda, relatam como as novas disciplinas no curso e os estágios foram grandes contribuições em sua formação, mas que, em relação às diversidades, as(os) docentes nem sempre se dispõem a discutir o tema em aula e possibilitar espaços de trocas de experiências.

Imaginários em tensão precisam ser discutidos amplamente nos espaços formativos, sob pena das(dos) professores em formação não compreenderem o que está em jogo nas relações de poder das políticas de estado e de governo e os grupos que se mobilizam para instituir suas concepções de sociedade e de educação. Em um dos relatos de Marielle, percebemos um desdobramento dessa ausência do debate e da informação, tendo ela construído a concepção de uma reformulação curricular que só obstaculiza seus projetos de vida e de trabalho.

Ao dizer sobre suas experiências no campo das diversidades, Marias nos traz uma discussão sobre o papel relevante que os saberes originários da cultura africana moldou sua forma de perceber as relações sociais e pensar sobre o racismo estrutural. Já Malala expõe que passa a perceber a luta anticapacitista travada por pessoas com deficiência ao conviver com elas. Permitir-se estar em contato com aquilo que desacomoda, é trazido por elas como o que permite que entendam em que lugar a diversidade atravessa sua própria história, em que momento “o diferente está além de mim” se torna “o diferente também me constitui”.

As vozes das estudantes também denunciam algo que temos presenciado nas mudanças de políticas públicas no país: pouco se ouve a voz dos professores - sejam em formação inicial ou em formação continuada. Uma política atrás da outra, são criadas contradições que confundem e geram múltiplas





interpretaciones sobre las legislaciones e normas al llegar a los cursos de licenciatura. Infelizmente, a categoria que mais sofre com esse processo é a das(os) professoras(es) em formação.

Isto posto, compreendemos a urgência da defesa de um projeto de educação que contemple uma prática democratizante tanto no contexto universitário quanto nas escolas onde as(os) professoras(es) em formação experienciam sua docência. Entendemos que a Resolução 02/2015 traz avanços significativos nesse sentido, mesmo que certos preconceitos enraizados em nossa sociedade decorram de processos lentos de desconstrução. Nesse sentido, preocupa os movimentos que as Diretrizes mais atuais, de 2019, trazem quando não mencionam o debate sobre as diversidades em sua normativa. É um anulamento de vivências, histórias de vida em favor de uma padronização e da desigualdade.

### **Referências bibliográficas**

Brancher, V. R., Oliveira, V. F. (2017) (Re)Simbolização da Docência: entre imaginários e saberes na defesa do protagonismo dos professores. In: Brancher, V. R., Oliveira, V.F. (Org.) Formação de Professores em tempos de incerteza. Imaginários, narrativas e processos autoformadores. (pp. 29-46). Paco Editorial.

Brasil. Conselho Nacional Educação.

(2015). Resolução CNE/CP nº 2, de 1º julho de 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Brasília, DF. <http://portal.mec.gov.br/doc man/agosto-2017-pdf/70431- res-cne-cp-002-03072015- pdf/file>



Brasil. Conselho Nacional de Educação.

(2019). Resolução CNE/CP nº 22, de 19 de dezembro de 2019. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Brasília, DF. <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2019-pdf/135951-rcp002-19/file>

Castoriadis, C. (1982). A instituição imaginária da sociedade. Paz e Terra

Delory-Momberger, C. (2012) Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. (A.-M. M. Oliveira, Trad). Revista Brasileira de Educação 17(51), pp. 523-536

Delory-Momberger, C. (2014). As histórias de vida: da invenção de si ao projeto de formação. Natal: EDUFNR.

Gatti, B. A., Barreto, E. S. d. S., André, M. E. D. A. d., & Almeida, P. C. A. d. (2019). Professores do Brasil: novos cenários de formação. UNESCO.

Ghedin, E., Franco, M. A. D. R. S. (2008). Questões de método na construção da pesquisa em educação. Cortez.

Josso, M. (2010). Experiências de vida e formação (2nd ed.). EDUFNR.

Machado, G. E., Oliveira, V. M. F. (2019) Imaginário Social e Formação Continuada: Discussões atuais sobre temas de gênero, etnia e diversidade sexual. In: Machado, G. E., Oliveira, V. M. F. Temas emergentes à educação: Docências em movimento no contexto atual. (pp. 15-29). Pimenta Cultural.

Nóvoa, A. (2017) Firmar a Posição como Professor: afirmar a profissão docente. Cadernos de pesquisa, 47, 1106-1133.



Santos, A. V. d., & Ferreira, M. S. (2019). Currículo Nacional Comum: uma questão de qualidade? Em *Aberto*, 33(107), 27-44.  
<https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.33i107.4528>